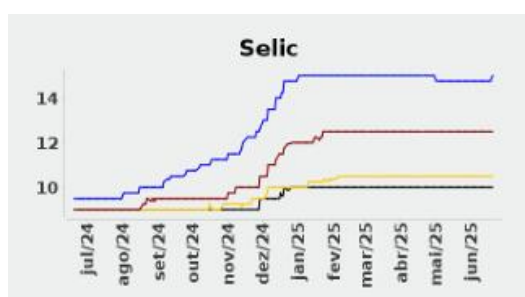


CENÁRIO MACRO BRASIL

Na reunião de junho, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu elevar a taxa Selic em 25 pontos-base, levando-a para 15% ao ano — o maior patamar desde 2006. A decisão reforça o compromisso da autoridade monetária com a convergência da inflação para a meta, diante da persistência das expectativas desancoradas e da pressão fiscal crescente. A ata sinalizou uma provável pausa nos próximos encontros, mas ressaltou que a política monetária seguirá contracionista por um período prolongado.



Esse cenário mantém a atratividade dos ativos de renda fixa, especialmente os indexados à inflação e à taxa Selic. A curva de juros futuros segue elevada, com projeções de manutenção da taxa básica até meados de 2026. A curva de 10 anos, por exemplo, está próxima de 11,2% ao ano, refletindo um ambiente de juros reais altos no longo prazo. Apesar da sinalização da curva de juros indicar um período de estabilidade, seguimos avaliando a possibilidade de uma nova alta, o que reforça nossa postura cautelosa e justifica a menor exposição a títulos prefixados nas carteiras.

A inflação segue em trajetória de desaceleração moderada, mas ainda acima da meta. O IPCA-15 de junho registrou 0,26%, acumulando 5,27% em 12 meses, abaixo dos 5,40% de maio. O IPCA cheio de maio foi de 0,46%, também abaixo do esperado. Mesmo assim, o índice permanece acima do teto da meta (4,5%) para o ano. A percepção da inflação, contudo, segue mais alta entre as classes média e baixa, impactadas principalmente pelos preços de alimentos e serviços.

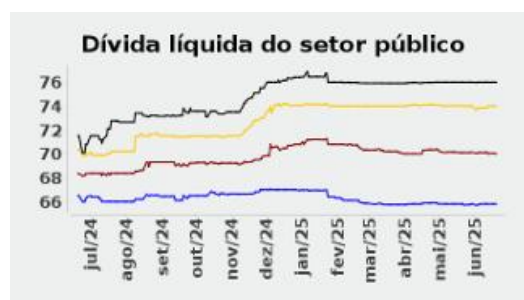
No mês de junho:

- Selic: 15,00%
- IPCA: 5,32%
- Ibov: 136.866 (-0,12%)

O dólar teve queda significativa ao longo do mês, encerrando junho próximo de R\$ 5,45, acumulando uma valorização do real superior a 3,9%. A apreciação cambial foi influenciada por uma combinação de fatores, como a intervenção mais ativa do Banco Central no mercado de câmbio, a revogação do aumento do IOF, e a percepção de desinflação mais sólida. Isso reforça expectativas de estabilidade nos juros, o que atrai capital estrangeiro e reforça moedas locais. Além disso, o arrefecimento das tensões geopolíticas globais e a expectativa de corte de juros pelo FED nos EUA também contribuíram para o movimento de valorização de moedas emergentes, como o real.

No mercado de trabalho, a taxa de desemprego recuou para 6,2% no trimestre encerrado em maio, o menor patamar desde 2012, com aumento dos empregos formais e queda da informalidade. Esse movimento reduz pressões inflacionárias via aumento da renda e amplia o consumo, conferindo resiliência à economia.

A dívida bruta do setor público chegou a 76,1% do PIB em maio, com déficit primário de R\$ 33,7 bi no mês, menor do que o previsto (R\$ 42,7 bi). Apesar disso, o déficit nominal segue alto (~7,6% do PIB), pressionado pelos juros elevados.



No setor externo, o déficit em conta corrente foi de US\$ 2,9 bi em maio, elevando o déficit acumulado em 12 meses para US\$ 69,4 bi (aprox. 3,3% do PIB). A balança comercial se mantém superavitária, mas com crescimento das importações reduzindo o saldo externo.

O Ibovespa encerrou junho praticamente estável, aos 136.866 pontos, com variação negativa de -0,12% no mês. O mercado segue se equilibrando entre juros elevados, fluxo estrangeiro positivo e volatilidade política.

CENÁRIO MACRO GLOBAL

O Federal Reserve manteve os juros americanos inalterados na faixa de 4,25% a 4,50% ao ano pela quarta reunião consecutiva, confirmando a expectativa de um cenário de cautela por parte da autoridade monetária. A decisão ocorre em meio a um ambiente de incertezas, impulsionado pelas novas tarifas comerciais anunciadas pelo governo Trump, pela desaceleração do crescimento e por um mercado de trabalho mais equilibrado. Apesar da pressão política por cortes, o Fed reforçou a projeção de dois cortes ainda em 2025, totalizando 0,50 ponto percentual, com sinalizações de que o ritmo poderá ser mais gradual ao longo dos anos seguintes. A inflação ao consumidor (CPI) em maio veio abaixo das projeções, com alta mensal de apenas 0,1% e de 2,4% em 12 meses, o que reforça a percepção de uma pressão inflacionária contida no curto prazo. O mercado de renda fixa refletiu esse cenário: os Treasuries de 10 anos recuaram 18 pontos-base, fechando o mês em 4,228%, com forte demanda observada no leilão de US\$ 22 bilhões em títulos de 30 anos — sendo 65,2% adquiridos por estrangeiros. Esse movimento evidencia o apetite por ativos considerados seguros, diante das tensões fiscais nos EUA e da reprecificação de riscos no cenário internacional.

Na renda variável, os mercados americanos protagonizaram uma recuperação vigorosa após o forte estresse observado em abril, quando mais de US\$ 5 trilhões em valor de mercado foram perdidos em dois dias.

A recuperação foi puxada pelo setor de tecnologia, especialmente empresas expostas à inteligência artificial — como Nvidia, Palantir e Super Micro Computer — que reportaram resultados sólidos e validaram a tese de retorno estrutural sobre investimentos em IA. Além disso, a suavização da retórica comercial por parte do governo americano, que inicialmente havia adotado uma postura mais agressiva, ajudou a reduzir o risco percebido nos mercados e beneficiou setores sensíveis como alimentos e vestuário. O ambiente ficou ainda mais favorável diante da perspectiva de um "pouso suave" da economia, com menor pressão inflacionária, estabilidade no desemprego (4,2%) e maior previsibilidade na política monetária. A queda do índice VIX, a resiliência dos lucros corporativos e o alívio nas tensões comerciais e fiscais criaram um cenário mais construtivo para ativos de risco, com destaque para as ações de empresas americanas de alta qualidade. Apesar da volatilidade persistente, os fundamentos seguem sólidos, sustentando a atratividade estrutural dos EUA como centro de inovação, crescimento e estabilidade no longo prazo.

VISÃO NEWPORT

Mesmo com a sinalização de estabilidade na Selic, seguimos atentos à possibilidade de novas altas, diante das pressões fiscais e da inflação ainda acima da meta. Por isso, mantemos uma postura cautelosa, com preferência por ativos indexados à inflação e ao CDI. A valorização do real e a resiliência do mercado de trabalho ajudam a sustentar o cenário, mas seguimos seletivos nas alocações. Segue ao lado a visão da Newport para este mês em relação às principais classes de ativos, destacando os movimentos de alocação realizados recentemente.

NEWPORT - CAPITAL -	UW	Neutro	OW	Varição
	-	N	+	
Renda Fixa Pré	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▲
Renda Fixa Pós	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▬
Renda Fixa IPCA	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▼
Multimercado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▲
Ações Brasil	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▼
Ações Offshore	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▬
Renda Fixa Offshore	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▬
FII	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▼

LEGENDA:

UW = UnderWeight

OW = OverWeight

N = Neutro

Reduziu

Manteve

Aumentou